5.º ANO LISBOA—QUINTA-FEIRA, 17 DE DEZEMBRO DE 1925 N.º 1441

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegraphico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 185 Redacção: T. 219
Endereço telegraphico: DIBOA

O CASO DO ANGOLA E METROPOLE

"Ha duas pistas: Uma que a policia segue em Lisboa, á volta do Banco de Portugal e que reputo errada. Outra, a verdadeira, que põe em Londres e na Haia os criminosos e os seus cumplices,,

declara-nos

Luiz Viegas

Na entrevista que realisámos hoje com o sr. Luiz Viegas, até ha pouco inspector do Comercio Bancario, uma afirmação merece a pena salientar. E' aquela em que o antigo e categorisado funccionario, a quem, mesmo quem o demitiu, presta justiça, diz, em nossa sintese:

—Ha duas pistas: uma errada e outra acertada. A errada é a que teima em procurar a chave do enigma no Banco de Portugal. A ajustada é a que procura os cumplices e criminosos no estrangeiro, em Londres e na Haia.

Para o sr. Luiz Viegas ha, não uma presunção, mas uma certesa, aliás já a radicar-se no espirito dos que primeiro duvidavam:

—Contratos, certidões, cartas—tudo falso! Falsissimo!

Do mais que o sr. Luiz Viegas diz e revela, abaixo se verá. Para o sr. Luiz Viegas, a questão está ainda no principio. Para o sr. Luiz Viegas a policia está trabalhando com ardôr e alta compenetração do seu dever. Apenas sucede que abandonou a pista verdadeira e segue a errada.

A errada—é o Banco de Portugal. A certa é Hennés, Marang, Romer, Alves Reis e seus desconhecidos agentes.

Para o sr. Luiz Viegas a casa seriissima de Waterlow and Sons, Limited, procedeu levianamente. Para o sr. Luiz Viegas—depreendemos, embora não no-lo tenha dito—a nossa policia teria de trabalhar em ligação com a policia inglesa e holandesa.

Isto é: estamos a perder tempo. Mas—acrescenta Luiz Viegas—e todo o tempo é de tempo se apurar a alta burla internacional, de que Portugal, o Banco emissor e a nossa situação internacional financeira foram vitimas.

Primeira afirmação do sr. Luiz Viegas, posta de maneira terminante, categorica:

—Os documentos não são falsos. São falsissimos. A esse respeito não ha sombra de duvida. Se alguem, por um momento sequer, admitiu principio contrario, errou. Dir-me-ha que os documentos estão muito bem falsificados. E eu corroborarei a sua afirmação. Tão bem falsificados que temos de aceitar como logicas todas as suposições formuladas, por mais estranhas, por mais disparatadas que se apresentem.

O antigo Inspector do Comercio Bancario fala num grande á vontade, senhor de si, perfeitamente seguro da verdade das declarações que vai produzindo:

—Antes de mais nada deixe me que faça um pouco de historia á volta deste acontecimento, que não será exagero considerar sensacional. Como foi que se descobriu a falsificação?

—No dia 3 de dezembro a Inspecção, que então dirigia, foi informada da existencia de um deposito invulgar feito por gente do Angola e Metropole.

—Que banco?...

—Não ha vantagem em lhe revelar qual foi. Adeante. Nesse mesmo dia, á noite, seguia para o Norte o dr. Teixeira Direito. Eu não pude ir.

—Nesse momento não havia nada contra os homens?

—De concreto, nada. Mas havia suposições fortes. Davam nas vistas os seus gastos pessoais, exagerados e, sobretudo, a forma porque realizavam os seus depositos. Porque é preciso repararmos no seguinte...

E a chamar a atenção do jornalista:

—Eles compravam tudo. Absolutamente tudo. Apenas um objecto determinado pelo qual davam duas notas de quinhentos escudos, mil escudos, iam logo vendê-lo por novecentos. Em notas boas, claro está.

O seu proposito firme, a sua preocupação unica, era a de espalharem o que possuiam. O resto não os preocupava grandemente, tanto eles tinham a certesa da perfeição do trabalho.

Reatando o fio interrompido da narrativa que ia a fazer:

—Na noite de 4 telegrafava já o dr. Teixeira Direito para Lisboa, solicitando que se efectuassem determinadas prisões. Aquele funcionario trouxe comsigo algumas notas. Na noite seguinte, no Banco de Portugal houve uma reunião, fez-se um exame. Cotejaram-se os numeros. E a duplicação surgiu logo como uma certesa.

«Os homens do Angola e Metropole tinham feito uma emissão por sua conta. Lançavam-na no mercado pelo processo que lhes pareceu mais comodo e conveniente. Eram criminosos, portanto, e tornava-se necessario proceder contra eles.

Passamos a outro capitulo: o das investigações.

—Da forma porque elas têm sido conduzidas, falaram já, um pouco, os jornais.

Numa grande convicção:

—Quanto a mim ha duas pistas. Uma a que se está seguindo em Lisboa, e a que podemos chamar a pista do Banco de Portugal. E' seu arauto e defensor o dr. Pinto de Magalhães. Outra, a que se procurova seguir no estrangeiro, e a que chamarei a verdadeira pista.

—Quem a seguia?

—Eu e o dr. Crispiniano da Fonseca.

Esta ultima procura localisar lá fora as origens, o ponto de partida do delito.

—Quais as personalidades com que essa pista vae tocar?

—Varias.

—O sr. Romer?

—Uma delas, naturalmente.

—Que é feito dele?

—Suponho que ultimamente se não tem recebido comunicações do dr. Crispiniano—vai desviando o sr. Luís Viegas.

—Mas o sr. Romer?

—Olhe no dia em que o escandalo se tornou aqui publico estava ele em Madrid. E foi precisamente nesta cidade que eu recebi a indicação de que devia regressar. O dr. Crispiniano seguiu.

—V. Ex.ª?

—Estive para desobedecer á determinação do governo, tão convencido me encontrava, tão convencido me encontro ainda hoje de que perseguia verdadeiros, e talvez os maiores culpados. Os cumplices, possivelmente alguns dos autores deste «escroquerie», a mais monumental de todos os tempos, encontram-se em Londres e na Haia.

Recordámos os nomes de Marang e de Hennios.

—São apenas dois «brasseurs d'affaires» incontestavelmente perigosos. Mas não mais do que isso.

Agora suponho que já se perdeu muito tempo. E nestes casos a oportunidade é tudo.

—O Banco de Portugal?

—Tenho mais confiança nas pessoas que dirigem essa instituição do que tenho em mim. Que quere que lhe diga mais?

—Mas as assinaturas?

—Vi apenas as fotografias que já se encontram em Lisboa. Mas mesmo por elas eu iria jurar que as assinaturas não são verdadeiras. De resto, os documentos autenticos veem já a caminho do nosso país.

—Dizem que Marang vem tambem?

—Não acredito.

Um pormenor:

—Os contractos datam de ha um ano. Devo dizer-lhe que os termos em que toda essa documentação foi redigida me não satisfazem. O reconhecimento dos notarios estrangeiros foi apenas a consequencia logica, necessaria, fatal, do reconhecimento do notario português. E este era facilmente falsificavel. Bastava para isso levantar uns sêlos. Operação bem simples e que os culpados não deixaram de realizar.

Resumindo: tudo falso, tudo falsissimo.

O sr. Luís Viegas é pessoa bastante amavel para responder ás preguntas, em numero respeitavel, que nos vemos obrigados a fazer-lhe.

E, muito caracteristicamente, a cada uma delas vai metendo um «diga, diga», sempre animador para quem entrevista.

—A posição da Casa Waterlow & Sons?

—Casa respeitabilissima. Mr. Waterlow, que agora se encontra entre nós, é mesmo «alderman», funções respeitaveis, equivalendo ás do nosso vereador, em Londres. Mas ..

—Mas ..

—Contra a Casa Waterlow já ha provas bastantes que permitem, pelo menos, fazer-lhe a acusação de leviandade.

—Mr. Waterlow diz que produzirá em 24 horas declarações sensacionais...

—Não me parece. Até porque, do que sei, não vejo como isso possa ser.

—O caso da correspondencia?

—Estou firmemente convencido de que era interceptada.

—Por quem?

—Não sei. Mas era interceptada. De outra maneira o trabalho não podia ser levado tão longe. O Marang só podia e só devia receber uma parte d'essa correspondencia. A parte restante era recolhida por alguem. Como? Aonde? Tambem lh'o não posso dizer. E' este um parafuso, e um parafuso valioso, que falta em toda esta complicada engrenagem. E' convicção minha, porém, de que o parafuso acabará por ser encontrado, e talvez em breve.

E referindo-se ás duvidas ontem suscitadas pelo nosso jornal aos seus leitores:

—Aquilo está certo. Se baterem aquela tecla é muito natural que cheguem ao fim. Por ali sim, por ali é que se vai.

A historia interessante da demissão do sr. Luiz Viegas do cargo de Inspector do Comercio Bancario:

—Porque demitiram V. Ex.ª?

—Não sei.

—Ha um motivo aparente...

—A carta que eu fiz publicar no «Mundo». Esse não basta.

A carta, sou o primeiro a reconhecê-lo, é inconveniente. Mas é uma futilidade apenas. Representa a expressão da verdade, e isso me basta. Cahi estupidamente, talvez, mas cahi em presença da verdade. Respeito o decreto que me exonera e aguardo que os outros procedam.

—Mas V. Ex.ª tem continuado a colaborar nas investigações...

—Chamado pela policia. Olhe: agora vou eu para lá. Bem vê que é muito dificil dispensarem aquilo que já conheço da questão e me dá autoridade especial para analisar e considerar determinados factos.

—Mas os motivos verdadeiros da demissão? —insistimos nós.

—Já lhe disse que os desconheço.

E como quem se recorda:

—Lembro-me apenas de que, antes de toda esta embrulhada, chegara a ser lavrado um decreto exonerando-me de inspector do Comercio Bancario e nomeando para esse logar o sr. Pinto de Lima.

—Já no tempo do actual ministro das Finanças?

—Sim, senhor. A exoneração, de resto, em nada me afectou. Naquele logar só tinha conquistado inimisades. E' muito espinhoso, muito dificil, muito delicado. Mesmo muito delicado.

* * *

Os culpados em Portugal.

—Estou convencido, diz-nos o sr. Luiz Viegas, de que duas pessoas sabiam, estavam no segredo da questão.

—Quais?

—Pelo menos Alves dos Reis e Santos Bandeira.

—O primeiro?

—Conheci-o na Inspecção do Comercio Bancario. Tive logo a impressão de que se trata de uma pessoa inteligentissima. E' cedo ainda para afirmar que foi ele quem montou este curiosissimo maquinismo. Mas a sua acção deve ter sido preponderantissima.

—Os outros?

—Não faço ideia nenhuma. Mais ou menos comparsas dele. Ainda neste momento a sua atitude, embora esteja um pouco amachucado, é a de quem possue elementos seguros na sua mão. E' a tactica de todos os acusados: defendem-se, acusando tambem. O seu procedimento, depois de preso, é que deve ter induzido a policia naquilo que eu reputo um erro.

A proposito recordou se o nome do sr. Carlos Pereira.

—Acho extranho, diz o sr. Viegas, que ele ainda não haja sido chamado e ouvido. A sua intervenção no assunto era de tal natûresa que ele, decerto, poderia exclarecer alguns pontos ainda infelizmente obscuros.

E a acentua o seu ponto de vista, já definido:

—Suponho não ser a melhor a pista do dr. Pinto de Magalhães. Ele está perturbado por virtude de um trabalho excessivo, exagerado, brutal. Não só criminosos e cumplices os que falta prender, encontram-se em Londres ou na Haia. De aí tesmos nós chegado a esta altura das investigações pouco mais adeantadas de que nos encontravamos ao começo delas. Constatou-se o crime, é certo. Mas o se fez mais, de pratico, depois disso? Temos de considerar que se trata de pessoas inteligentes e habilissimas e, sobretudo, de criminosos que escrupulosamente haviam estudado á sua defesa.

* * *

Três preguntas a terminar a entrevista:

—Falou-se muito numa emissão clandestina destinada a salvar as Colonias?

—Não acredito. Não reputo nenhum ho-

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

Natal

Costumes e Tradições

Natal! Epoca abençoada de alegria e de brindes! Para aqueles que a fortuna bafejou bem facil será cumprir esse dever. A cada passo, nas principais ruas de Lisboa, surgenos a tentação, transformada em aranha diligente, tecendo a sua teia por detrás das vitrines dos estabelecimentos «chics» da capital!... E que lindas coisas nos apresentam, por exemplo, os Grandes Armazens do Chiado?! Artisticos e encantadores «bibelots», lindas caixas de bombons, as mais modernas gravatas e bengalas, as mais «chics» camisas, camisolas e peugas, etc., etc.

Recordações encantadoras e muito femininas, como lindissimos córtes de seda ou de veludo, elegantes malinhas de mão e sombrinhas, os melhores e mais deliciosos perfumes, magnificos estojos de «toilette» e muitos milhares de objectos de utilidade domestica. E facil se torna adquirir qualquer destes brindes sedutores por os seus preços serem excessivamente modestos. E para as criancinhas que esperam inocentemente os bonitos que o Menino Jesus lhes ha-de pôr na chaminé, que infinidade de graciosos brinquedos encontram os seus papás nos Grandes Armazens do Chiado? Imensa esta secção, qualquer criança encontra ali o brinquedo sonhado ou que a sua fantasia imaginou: bonecas ricas e pobres, serviços de cosinha em aluminium para almôço ou jantar, mobilias de quarto ou de sala a imitar as das pessoas crescidas, brinquedos de corda muito engraçados e animais de toda a especie.

Bólas, cavalos, espingardas, tambores, cornetas, quer dizer, tudo o que faz a delicia dos nossos garotos. Sortido colossal e completo!

Para os desprotegidos da sorte e para obras de beneficencia, vendem os Grandes Armazens do Chiado, até á vespera do Natal, montões de retalhos e cortes de lãs, flanelas, riscados, etc., por preços excepcionais, quasi de graça.

Aqueles a quem nada falta e que costumam lembrar-se dos pobresinhos nesta tradicional festa do ano, podem aproveitar esta ocasião para, com uma insignificante despesa, levar um pouco de conforto a tantos lares, onde só ha miseria

"Bal-Tabarin"

O elegante *cabaret* da Rua da Gloria está marcando na apresentação de artistas espanholas do teatro ligeiro.

Presentemente estão ali exibindo se duas coupletistas de grande valor, Amparito Vega e Mari Cielo, que todas as noites arrancam do numeroso publico delirantes aplausos.

Brevemente devem estrear-se novos numeros de variedades.

Os bailes estão decorrendo animadissimos e o esplendido serviço de restaurante que o *Bal Tabarin* fornece aos frequentadores é confeccionado a primôr e a preços de combate.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=A's 21,15=«O principe João».
Nacional=A's 21,30=«A Severa».
Trindade=A's 21,15=«Clóló».
Ginnasio=A's 21,15=«Vida e doçura».
Apolo=A's 21,15=«A Taberna».
Avenida=A's 21,15=«O Pão de Ló».
Salão Foz=A's 15,45 e 21 45=«Pirolito».
Coliseu dos Recreios=A's 21=Companhia de circo.
Bal-Tabarin=A's 21=Variedades.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

COOPERATIVA LISBONENSE DE CHAUFFEURS
TAXIS CITROEN
Pedidos pelo telefone Norte 5528
Serviço permanente

TODA A GENTE SABE
que um bom retrato a aguarela ou a oleo não se faz em qualquer fotografia.
A Foto-America tem pessoal especial para este genero de trabalho, podendo garantir que se não faz melhor em parte alguma.
R. Registo Civil, 6, 1.°, ao Intendente
Tel. 3329 N.

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, ane mia, etc, sistema estrangeiro
Calçada da Estrela, 13, 1.° Esquerdo

Miss Henderson
Professora de nacionalidade inglesa. Dá lições em sua casa e fora.
T. do Alecrim, 3, 3.°

CRONICA DE VIAGEM

As razões de haver em Portugal as chamadas "CASAS FRIAS,,

MADRID, Dezembro.—Emquanto não segue para Barcelona o expresso, na sala do hotel Inglês, cheia de calor de «chauffage», e de espanhois que entram e saem, com estrondo, muito em sua casa, deixamos esta cronica para o *Diario de Lisboa:* o titulo, não encanta, mas simbolisa um assunto, muito actual e muito humano: por esse mundo fóra, em toda a parte, ha as «casas frias»: são a expressão maxima da pobresa, do desconforto e são o espelho de muitas vidas, que, sem o calor efectivo de familia, de uma criança, ou de uma mulher, vivem em casas frias, toda a vida.

Ha, por esse mundo, fóra casas de pobres, em que o alimento é falho, e o conforto não existe: em Portugal e em Lisboa nunca foi tão grande a miseria que se não vê, que se esconde: a vida está cara, os ordenados são consumidos pelas rendas das casas e preço da comida, e esta é má, e não alimenta.

Ha casas, que pouco a pouco, vão sendo desguarnecidos de moveis, ha joias que se vão vendendo, depois as roupas, depois a vergonha, o pudor, a honra!

As ruas ostentam um luxo falso, os teatros enchem-se de gente, que os pode frequentar e de outros, que o fazem com sacrificio, tendo direito de amenisarem, tambem, a labuta de cada dia: Ha em Lisboa, a falsa burguesia, a de meias de seda, que não come o que precisa, e passa uma vida triste e precaria.

Ha a casa do operario, que, sem higiene e sem conforto, o deixa trocar a taberna pela sua casa, e o expulsa de pequenos casebres, sem luz nem ar, e em que o frio entorpece, e a falta de agua gera doenças e um «mal estar domestico»: daí o homem sair de casa, os filhos virem para a rua, a mulher para as soleiras das portas dos visinhos, deixando que o frio vá invadindo os casebres, que só servem para comer e dormir!

Ha pais, irmãos e maridos, que, feitas as refeições, seguem «para a Baixa», e deixam esfriar os seus lares, com todas as consequencias: falta de educação dos filhos, o aborrecimento das mulheres e toda a tragedia que se segue: falta de conforto moral, de educação, paz da casa, um pesadêlo, que se desfaz como o gelo, quando o calor o toma á sua conta

«Casas frias» pois, por culpa da sociedade, do Estado, que em Portugal, é o maior inimigo do cidadão, sugando lhe os impostos e dando-lhe — com os seus governos — o exemplo, não do bem e da verdade, mas da extorsão, da roubalheira e da impostura!

«Casas frias», resultado da falta de educação familiar, ponto de apoio da sociedade, para a qual todos deviam concorrer, dando «ao lar» o calôr afectivo e de respeito que ele merece: a familia, embora cómpreenda a necessaria divisão dos seus membros, e possa existir sem a permanencia constante dos seus chefes, pais, irmãos ou marido, necessita para «viver», para produzir «um bem social», de ser aquecida com a presença de todos, formar um todo em conjunto, manter-se quente, pelo afago dos seus componentes, pelo exemplo dos pais, pelo respeito de todos:—se esse concurso não se dá, se os pais e maridos vão só comer e dormir, a familia é uma ficção, não ha lar, e tal habitação enfileira-se no sem fim «das casas frias».

Aqueles que afortunadamente puderam edificar um lar, o cimentaram de conforto material e o distanciaram da rua, em que todos se acotovelam e só se conhecem pelas caras e pelos trajos, por mais modesto que seja, possuem uma fortuna.

Ha lá dentro Vida, amor, sensibilidade franca, para receber uma alegria, dando-lhe eco, expressão, ressonancia, e recolhimento a um desgosto, uma mão que, enxugando lagrimas, vai de mansinho acalentando, mimando o que chega desgostoso, e que, dentro do «calor» que lhe proporcionam, reage, resolve lutar, deixa de sentir e começa a pensar, a arma-se de coragem, e vence!

Um lar deve ter alegria, ha sol nas gargalhadas dos filhos, ha um hino permanente de Vida, nas suas maldades, ha a esposa, a mãe, a irmã, que são manifestações de amor, todo repassados de ternura, de bom acolhimento, de paz!

* * *

Ha «casas frias», por destino, por fatalidade, por um acaso mau: homens e mulheres que vivem sós, levando os a isso, o desamparo, a viuvez, o divorcio, o fim de uma existencia melhor, um capricho, um crime, um acaso...

E' vêr a casa de uma rapariga, que um homem enganou e se prostituiu depois: lá é o seu covil, onde, em geral, não recebe adoradores, porque quer guardar o pudor, perante os senhores casados do predio: o quadro passa-se em Lisboa, localisado ou nas avenidas novas, ou no bairro mais modesto e casebrico.

Luxuoso ou pobre, com sedas ou chitas, catre de pau caro ou ferro já velho, o gelo é o mesmo: não é casa para se viver, ha gavetas, onde os trapos se amontoam, ha dispensas cheias de caixas de chapeus, gavetas cheias de sapatos, luvas, caixas de perfumes, meias de seda ou algodão, uma casa de banho, ou um alguidar de barro, uma garrafa de vinho ou um frasco de cocaina!

* * *

Olhai agora a casa do sem familia: entra, a porta estala ao abrir, a luz dá umagargalhada aos olhos do que chega.

Ha frio no quarto aquecido: ninguem.

Livros dispersos, se é estudioso, jornais de leitura banal, se não é nada: balanceia a Vida: menos um dia para viver. O amanhã será igual ao dia que findou: obrigações a cumprir, despezas a fazer, o beijo ou um corpo mais a comprar: entra no quatro de dormir: ha retratos que parecem sorrir o isolamento; perto, em uma casa visinha, o chorar de uma creança que acordou: lá fóra ha vida, e lá dentro *uma casa fria!*

Leitor, quem quer que sejas, não sentes os braços arrepiados? Não sentes o frio destas casas? E' a tua casita, pobre embora, quente?

Pois bem; corre a beijar filhos se os tens; guarda-os do Mal, que inunda o mundo. Respeita a tua mulher; sê bom e carinhoso. Vai de joelhos até teus Pais, se ainda os podes beijar e foge para o calor do teu lar: dá-lhe toda a tua vida; dá-lhe todo o esforço do teu trabalho. Foge da rua, que a vida é curta para se gosar o calor da casa feliz, e muito longe para os que habitam *casas frias!*...

Herlander Ribeiro

JOALHARIA DO CARMO
Convida V.as Ex.as a vêr as suas pratas na
RUA DO CARMO, 87-B Telef. N. 1360
Séde no Porto — R. 31 DE JANEIRO, N.° 53

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

D. Eugenia de Avelar Torres, D. Palmira Perry Vidal de Vasconcelos, D. Maria de Almeida e Napoles, D. Maria Helena Duarte Freire, D. Maria Josefina de Belo Brito Chaves, D. Maria Alice Teneiro Ilharco de Campos Viana, D. Maria Iréne Sousa Sequeira e a menina Fernanda Costa Ribeiro.

E os srs.:

Arnaldo Meireles de Abreu e Sousa, Antonio Maria de Queiroz de Andrade Pinto e Nuno Franco Duarte.

A caridade

Chá dançante

Pelos inumeros pedidos de bilhetes para o sensacional «chá dançante» de caridade que, na tarde de sabado proximo, se realisa nas magnificas salas do Avenida Palace, gentilmente cedidas pela sua direcção, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, e cujo produto se destina a contribuir para a «festa do Natal» da benemerita instituição «Florinhas da rua», a obra patrocinada pela sr.ª condessa de Rilvas, tudo nos leva a crer que a primeira festa de caridade deste inverno exceda toda a nossa espectativa.

Nos salões

A sr.ª D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz, e o sr. dr. Antonio Caetano de Abreu Freire de Egas Moniz, ilustre professor da Escola Medica de Lisboa, offerecem na tarde de domingo, na sua elegante residencia, á avenida Luís Bivar, um «chá» ás pessoas das suas relações.

Pontos de reunião

No Politeama

Foi elegantissima a recita da moda de ontem, ultima em que se representou a engraçada peça «Raparigas de hoje», recordando-nos ter visto entre outras as sr.as:

Condessa da Folgosa, D. Josefina Ferreira, D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz, D. Estefania de Macedo Dias Macieira e filha, D. Tereza Belfort Cerqueira e filhas, D. Ana Belfort Cerqueira Sena, D. Laura de Mesquita, D. Irene de Vasconcelos Piçarra, D. Dalila Pereira Severim de Azevedo, D. Julia de Miranda Alçada, D. Maria Augusta de Carvalho Pereira de Miranda e filhas, D. Julia Maria Ferreira dos Santos Cardoso e filhas, D. Francisca Pereira da Costa Vieira, D. Leonor Pinto do Azevedo Faria, Mademoiselle Castro, etc, etc.

A'manhã, representa-se pela primeira vez, em português», a lindissima peça espanhola, tradução do nosso colega na imprensa sr. Machado Correia, «Seguro de vida», na qual o papel principal é desempenhado pelo brilhante actor da velha guarda sr. Alexandre de Azevedo.

Na noite de ámanhã, volta o Politeama a ser um ponto de reunião elegantissimo.

No S. Luiz

Faz se ámanhã «reprise», pela primeira vez neste teatro, da lindissima opereta portuguesa original de Campos Monteiro, com musica do inspirado maestro Nicolino Milano, intitulada «Flôr do Tejo», na qual tomam parte todos os artistas da explendida companhia de opereta que actualmente aí está funcionando.

A noite de ámanhã no S. Luiz, vai decerto marcar pela elegancia.

Em viagem

Regressou da sua casa de Bordeiro, Goes, á de Lisboa, com sua esposa a sr.ª D. Maria Godinho Mendes Lages, sua gentil filha D. Maria Fernanda e seu filho Fernando, o sr. dr. Antonio Soriano Mendes Lages.

—Está em Lisboa, vindo da sua casa de Pombal, o sr. dr. Custodio Beisa.

—Ao Porto, regressou da praia da Granja com sua familia, o sr. José Côrte Real.

—Acompanhado de sua esposa e gentil filha, partiu para a sua casa de Varzeas, Trevões, no Douro, o major sr. Fernando Chelmicki.

Doentes

Entrou, felizmente, em franca convalescença, na sua casa de Ciboure, França, o sr. marquez de Liveri de Valdansa.

—A sr.ª D. Alice Ribeiro Machado Pimenta, esposa do sr. Horacio Pimenta, que ha dias foi operada na casa de saude das Amoreiros, entrou já em franca convalescença.

Paquita Arcas

estreou-se ontem no

«Alster Pavillon»

Como ontem anunciámos, realizou-se no «Alster Pavillon» a estreia da incomparavel coupletista Paquita Arcas, que obteve geral agrado por parte do publico que enchia aquela confortavel e elegante «boite».

Paquita Arcas, que foi correcta e perfeita em todo o seu trabalho, tem gesto, tem expressão e tem arte. Conhecedora das plateias, procura no seu vasto reportorio os melhores «couplets», aqueles que mais podem entusiasmar o publico conhecedor de espectaculos de genero alegre. Conseguiu o ontem esta interessante artista, cantando, com alegria, algumas canções flamengas, que entusiasmaram os frequentadores do «Aster Pavillon», o que lhe valeu justos e prolongados aplausos.

Paquita Arcas, que é encantadora, viva e alegre, deve chamar ao elegante «cabaret» o publico amigo deste genero de espectaculos, que decerto continuara aplaudindo o seu interessantissimo trabalho.

A empresa do «Alster Pavillon» está em contrato com uma grande artista que brevemente ali se estreará.

Dr. José de Padua
Consultas das 3 ás 5 h.
Coração e pulmões—Raios X—Avenida, 18

Ayala Monteiro
ADVOGADO
Das 11 ás 12 e das 4 ás 5
Rua dos Douradores, 72, 3.°

Da Novela do Amor Humilde, *novo livro do nosso muito querido colega de redacção Norberto de Araujo, invulgar e consolador exito de livraria, no qual os letrados descortinam amplos horisontes de critica rasgada, transcrevemos hoje o prologo—que é uma sintese perfeita da obra—e a apresentação das figuras desta novela originalissima, equilibrada e romantica, cheia de belesa literaria e de côr, em quadros que são verdadeiras aguas-fortes.*

NOVIDADES LITERARIAS

Norberto de Araujo

acaba de publicar um novo livro

INTITULADO

"Novela do amor humilde,,

do qual se transcreve

O PROLOGO

Ao traçar estas linhas de entrada do livro, enterneço-me. Evoco tudo o que deu fundamento á novela, que eu só agora—tantos anos corridos!—vou recompôr, duma maneira simples, tão corrente, tão singela, que tu, leitora, vais gostar. Nela não te darei artificio algum de literato, não forçarei quadros tocando-os da beleza de inverosimil arte; não citarei elegancias de estilo novo, nem irei buscar ao fundo de minha alma, aberta, é certo, para todas as belezas, inspirações requintadas, de harmoniosa fórma, mas que o espirito do livro não quere comportar. Procurei apenas uma maneira simpatica, que te permita—e a todos, que afinal todos sômos como tu—entender melhor a humildade de que é feita a vida.

No dia em que aqueles que escrevem e pensam, e trazem dentro de si proprios uma Babilonia de vida viva a arder em sonhos de dramas, ineditos todos como a propria perfeição das cousas, se derem a ir buscar ao barro humido e anonimo não só a fórma mas a propria alma das suas visões—a Beleza adquirirá uma nova consubstanciação, emotiva e exacta, e tornar-se-ha, se não perfeita e aristocratica de sentido, ao menos tão limpida, tão fresquinha, tão casta, que até os livros dos consagrados—detentores do pensamento masculo e da beleza viril—hão-de parecer, ao lado deles, poeira solta vinda de nada, desolação de hortos sem verde, desolação de parques sem alma, desolação de jardins sem rosas, desolação de vida sem a graça de Deus.

A humildade é linda, e unica poesia da terra. Não ha beleza sem ela; e até na opulencia magnifica das altivas tendas do pensamento, a humildade existe, sob a fórma de emoção ou de revelação.

Começo a escrever...

Parece que tenho barro humido nas mãos, em vez duma pena, e que, em vez de capitulos, vou levantar estatuas, destinadas a manterem os homens atentos. Nas palmas sinto o calor das ficções creadoras, e á superficie magnetica dos dedos acode um tremor que não sei se é inspiração que queira soltar-se pela pele se é receio de não realisar.

Vejo as minhas figuras, e mais do que vê-las: sinto-as. Está diante de mim a Maria do Rosario, delicadinha, infantil, de quem tenho muitas saudades, como se ela, que morreu, de facto não vivesse; a Maria, aquela que foi tocada do milagre de alegria perfeita, que é a que não ri, e que Deus elegeu para ser Mãe; e Marta, a Maria Marta dos cabelos em pompom, que já não sei por anda, e podia ter sido a heroina dum romance inteiro, só para ela, se me fôsse dado escreve-lo.

Vejo agora todas as outras que passam ao lado destas, e fazem parte do formigueiro amoroso da vida, anonimo, humilimo, inspirador, tumultuoso; raiz de toda a beleza, fonte de toda a arte, recheio eterno de todos os livros bons da nossa raça, bem de toda a vida—que o resto é falso.

Marta, Maria e Rosarinho, viveram, vivem e hão-de viver sempre. Para as suas irmãs é que eu componho este livro, e eu não sei de nada mais irmão do que o amor nas mulheres, que até se torna gémeo quando a desgraça lhes bate á porta. A humildade é o encanto destas figuras, e eu creio mesmo—ainda que isto já fique fora do espirito desta historia—que todos os grandes amores da terra no fundo são assim, porque a humildads é a condição excelsá do amor.

Fui vizinho destas três raparigas: Maria, que nasceu «já sem pai nem mãe», descuidosa como um passaro livre, desamparadinha, que tinha para mim quando eu passava por ela um arsinho de riso, que lhe ia adoravel; Maria do Rosario, a Rosarinho, uma pequenina que estou a ver nos meus olhos ao começar este livro, e que eu sei muito bem onde repousa a esta hora, sob um céu de estrelas; e Maria Marta, a quem chamavam simplesmente Marta, uma que não seria linda, que podia talvez passar por bonita a certas horas do dia e dos nossos olhos, conforme lhe dava a luz, mas que tinha um ar de graça que enchia de saude e enfeitiçamento todo este meu bairro soturno de Lisboa velha.

Maria, Marta e Rosarinho, são três amores humildes desta terra onde apetece amar de preferencia as cousas tenues, que não dependem de artificio algum, e são assim como Deus as fez, com o seu destino traçado, a sua cabeça ao léu, e uma grande sêde de viver impressa, insatisfeita, nas suas bocas infantis.

A «Novela do Amor Humilde»—é uma historia verdadeira. Eu a escrever e tu a lêr—é que criamos a verdade. Nesta novela não ha complicações. Tudo decorre serenamente como nas romarias, onde o tumulto é feito da tranquilidade de um ano inteiro á espera, e onde as cousas dizem todas a mesma alegria sã, a mesma sêde de viver em amor, quer falem, quer cantem, quer meditem.

Personagens e a scena

Nesta novela os capitulos são quadros de teatro, e as figuras podem dar tipos de scena dramatica.

Indico essas figuras, personagens de drama velho, para que, antecipadamente sabendo delas alguma cousa, ao primeiro contacto as não extranheis na sua humildade, na sua exaltação, no seu nobre desenho moral, de fantasias despido:

MARIA MARTA, simplesmente *Maria*, 18 anos; MARIA DO ROSARIO, a *Rosarinho*, 16 anos; MARIA, 20 anos; — o amor humilde nas suas três formas mais humanas —. Delas falo no prologo do livro.

SEBASTIÃO, 20 e tal anos, filho de algo, moço de casta heroica, fora do nosso tempo, oiro em fio para dar uma figura plebeia, se os plebeus não estivessem, apesar da verdade historica, desacreditados pelos politicos.

FRANCISCO, *Mestre Francisco*, entalhador artiste, para quem só a Arte é nobreza. Velho precoce, tombado entre as goivas criadoras, e o amor de Marta, sua filha.

D. MARIA ANA, a *Fidalga dos Falcões*, rigidez e bondade. Tem duas crenças: Deus — e seu filho, Sebastião.

JOAQUIM, marceneiro. Noivo de Maria. A alma parada do livro. Calmo, de rasgos intimos. Não afirmo; mas talvez nem sempre usasse gravata.

O SR. OLIVEIRA DOS MOVEIS. Figura que tanto pode ser minha como sugerida de algum modelo eterno de Camilo, criador de tudo o que ainda não estava criado. E' no livro um sorriso, ora manhoso ora ingenuo, a lembrar teatro.

ISABEL, irmã de Marta, um trivial, esquelética, cultivando a intriga por bem. Não sei se é bonita, se é feia, e nem o livro o diz. SENHORA AUGUSTA, mãe de Marta; SENHORA CARLOTA, mãe de Rosarinho; — duas mães, mulheres banais, comparsas da vida humilde.

LEONOR, *a menina fidalga dos Sampaios*, noiva de Sebastião, figura de romance antigo, cujo destino não se sabe qual venha a ser, porque o livro abandona-a antes de ela se ter revelado.

A JESUS, nascida *Maria de Jesus*, olhitos de infanta, boquinha côr de rosa, vinte e tal meses. O amor dos olhos de Marta.

E mais: O DR. FRAZÃO, medico-familia, velho e bom, tipo de medico do bairro pobre, saber acumulado de experiencias, nos tugurios onde a doença não é visita, mas pessoa da casa; JULIO, criado da casa dos Falcões; MENINA ANA, oitenta anos rabujos e inexpressivos; o FILIPE MARUJO, que vai a cantar o fado certa noite sem luar pelo Conventinho fora; o LOPES da Farmacia; LUÍS, bom moço, marido de Isabel, e as quatro primas REINALDOS, que aguarelam um capitulo.

Figuras sombrias: ROSA, rapariguinha espevitada de patio ou de primeiro andar de esquina; ALBERTO e ARTUR, gaiatos feitos homens, destes que vestidos por certos figurinos deitariam canalhas.

O resto — comparsas.

O SITIO e os QUADROS, no prologo se diz: O Arco de S. Vicente, o casario amarelo sujo de Alfama, alguns arredores de Lisboa, uma faxa do Tejo, e alguns interiores, ora excentricos de côr, ora armoriados de tom — que são os scenarios.

A EPOCA, aí por 1906 — usavam as mulheres ainda cabelo como Deus lho deu.

LINGUAGEM — a mais pobre e doce que bocas portuguesas podem falar.

Peles para automoveis e maples

Com seis metros de superficie, nas côres: in carnado, castanho claro, castanho fantasia, verde, verde escuro, marron e preto.

O mais chic e o melhor, aos mais convidativos preços do mercado.

FRANCISCO DA SILVA DIAS
R. do Arco do Marquês de Alegrete, 13, 1.º

A Cidade

Dr. Mario de Oliveira

Ouvidos, nariz e garganta

Com pratica dos hospitais de Paris, Berlim e Viena

Rocio, 59, 1.º—Das 3 ás 5—Telef. 5497 N.

Chá das cinco

Por que sim . . .
e por que não . . .

Ser poeta ao sabor popular não é dizer coisas complicadas, mas não é tambem dizer coisas vulgares. E' dizer coisas simples, mas profundas, em palavras cuja singeleza todos compreendam.

Nessas coisas simples ha quasi sempre o amôr de Deus e da natureza e o amôr *tout court*.

Ha uma quadra, cujo autor ignoro, e que diz assim:

«Lá vem o sol a romper,
Monarca das monarquias...
Como ha de ele envelhecer
Nascendo todos os dias?...»

Esta quadra tem uma poesia infinita, dum conceito grandioso.

Ha outra de Augusto Gil, que é assim salvo erro (erro de memoria):

Ha sempre coisas mesquinhas
No proceder de quem ama.
O ninho das andorinhas
E' construido com lama!...»

Esta é um harmonioso e melancolico resumo da miseria humana, que tem, mesmo nos grandes sentimentos, a sua inseparavel mesquinhez, o barro primitivo de que fômos arrancados...

Ha ainda, para terminar, uma outra quadra, de Silva Tavares, que diz:

«Não ha lindas, quanto a mim,
nem p'ra gostar ha razão...
—Só se gosta,—por que sim;
não se gosta,—por que não».

Tem, a meu ver, uma grande verdade, esta quadra simples. Efectivamente a razão suprema dos grandes afectos e das grandes descobertas sentimentais está num *por que sim* ou *por que não* absolutamente misterioso, que a nossa propria alma não consegue desvendar.

MARIA DE CARVALHO

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	—	95$00
*/Madrid	—	2$79
*/Paris	—	$72
*/Suiça	—	3$79
*/Bruzelas	—	$89
*/Nova-York	—	19$60
* Amsterdam	—	7$90
*/Italia	—	$79
*/Brasil	—	2$82
*/Praga	—	$59
*/Suecia	—	5$26
* Austria	—	2$77
*/Berlim	—	4$68
Libra esterlina	98$50	100$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações Externas, 1. serie	—
» 5 1/2 0/0 1923	493$00
Acções do Banco de Portugal	—
» do Banco Lisboa & Açôres	475$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia Tabacos de Portugal	906$00
» da Companhia Port. de Fosforos	—
» das C.es Reun. Gaz e Electricidade	84$50
» da Companhia do Amboim	—
» da Companhia Colonial do Busi	—

Vá hoje vêr as

Hermanas Gimeno

E

Lina de Loscar

AO

Alhambra

Entrada livre no Parque

PARA EVITAR NEGOCIOS...

Os valores

selados

as cedulas e notas

podiam ser estampados

nas nossas maquinas

O «Diario de Lisboa» continua a fazer a quem de direito estas preguntas:

—Porque não se estampam em Portugal as notas, as cedulas e valores selados de que o País carece?

—Porque não se desenvolve e protege a industria nacional, neste ramo da estampagem, e continuamos eternamente sob a dependencia da industria estrangeira?

Diniz Bordalo Pinheiro, nosso querido amigo, que viveu durante muito tempo em Inglaterra e conhece este assunto como os seus dedos, declarou-nos hoje o seguinte:

—Não ha razão para que não exista em Portugal qualquer empreza patrocinada pelo Estado e pelos Bancos emissores, para fazer a estampagem das suas notas e dos seus valores selados.

—Não se póde aduzir a razão de honestidade...

—Clarissimo. Entre nós, ha pessoas tão respeitaveis e de tão comprovada honestidade como em Inglaterra.

—E já não seria uma inovação...

—O proprio Banco de Portugal tem uma estamparia, onde existem maquinas de primeira ordem, que teriam de ser modernizadas para corresponder aos progressos deste genero da industria grafica.

—E quanto a pessoal...

—Temos pessoal tecnico habilitado. Pósso citar-lhe um nome: o sr. Armando Pedroso, director da estamparia do Banco de Portugal, que é um habilissimo gravador e tem toda a competencia para dirigir um serviço dessa natureza. Sob as suas ordens, servem operarios de reconhecido merito. Seria, naturalmente, necessario mandar vir alguns elementos do estrangeiro, elementos que ficariam subordinados á direcção de portugueses.

—E a industria particular estaria habilitada...

—Sem preocupações de reclamo que não tenho, posso dizer-lhe que recentemente adquiri para a minha casa uma maquina de estampar blocos de aço gravados a talhe doce, destinada a trabalhos comerciais, e que todas as dificuldades tecnicas que têm surgido são facilmente resolvidas com os elementos que ha em Portugal. Estou satisfazendo pedidos de casas bancarias, sem a menor dificuldade.

—O que diz ao alvitre lançado anteontem pelo sr. Adolfo de Mendonça?

—Seria interessante pensar em organisar entre nós qualquer empreza, onde o proprio Banco de Portugal poderia entrar com os maquinismos que possue, descongestionando assim o espaço que elas estão a ocupar — para alargar as suas intalações. Essa empreza poderia fazer todas as emissões de notas, selos, estampilhas e valores selados, por meio de contractos firmados com os Bancos emissores e com o proprio Estado. Seria até preferivel que a empreza fôsse particular e patrocinada pelo Estado, para fugir aos entraves criados pela nossa organisação burocratica.

* * *

E agora o alvitre mais interessante da entrevista:

—Se o Banco de Portugal adoptasse um sistema de nota semelhante ao que o Banco de Inglaterra usa para as notas superiores a 5 £, poderia movimentar e renovar a circulação de notas, de facil fiscalização, permitindo assim que qualquer oficina de estampagem tivesse um grande movimento — de que resultaria um rendimento industrial maior, e, consequentemente, uma grande economia no custo da nota.

«Assim, poderia manter-se a laboração constante dos maquinismos, garantindo a vida desafogada dum estabelecimento que quizesse corresponder ás necessidades do País.

Foi inaugurado

o monumento ao poeta Gomes Leal

A' entrada do cemiterio do Alto de S. João, inaugurou-se hoje o monumento que a Camara Municipal mandou erigir ao poeta Gomes Leal, cujos restos mortais ali repousam.

Obra do escultor Francisco Santos, o mausoleu que encerra as cinzas do grande poeta das «Claridades do Sul» é duma singela e expressiva concepção, que honra o artista e dignifica a memoria do poeta.

A' cerimonia da inauguração, que se realizou pelas 14 horas, assistiram poucas pessoas.

Alguns nomes representativos evocaram com saudade a memoria do autor consagrado da «Historia de Jesus». Entre eles, os srs. Magalhães Lima, Costa Santos, Ladislau Batalha e Humberto Pelagio.

Em seguida ao acto piedoso e de nenhum cerimonial, numerosas pessoas desfilaram diante do monumento, admirando-lhe a sobriedade das suas linhas esculturais e o encanto evocativo que ele terá sempre para todos os admiradores de Gomes Leal.

MALAS E CARTEIRAS

Modelos de grande novidade

Casa das Carteiras

100, Rua da Prata, 100

A subscripção

para os pobres do nosso jornal

Esamos a uma semana do dia de Netal — e o «Diario de Lisboa» quere alargar o mais possivel o seu bôdo anual aos pobres seus protegidos. Para isso, contamos com o bom coração dos nossos leitores, assinantes e anunciantes, e, sobretudo, das nossas leitoras.

A seguir publicamos a lista da respectiva subscrição:

Transporte	865$00
Cupertino de Miranda	500$00
J. B. M. S.	5$00
De 3 «Gosmas»	10$00
Casa das Carteiras, L.da, R. da Prata, 100	50$00
José Miguel da Cunha (Beira—Africa)	9$10
Produto de duas senhas para o bilhete 6.936 do Natal, oferecidas pelos empregados da Barbearia Scalabitana	5$00
A transportar	1.444$10

Na cura da sifilis, o

BISMOGENOL

(E. TOSSE—HAMBURGO)

é absolutamente infalivel—Indolór e inofensivo.

Atestam no o uso exclusivo nas principaes Universidades alemãs e austriacas.

Sociedade de Productos Farmaceuticos Limitada.
Rua Jardim do Regedor, 21 — LISBOA

NO TEATRO DA RUA DA PALMA

A

"reprise,,

de "A Taberna,,

e a interpretação

de Alves da Cunha

no "Coupeau,,

E' já um logar comum afirmar que as peças extraidas dos romances perdem todas as qualidades literarias e pouco ou nada ganham em virtudes scenicas. Se esta regra não fôsse verdadeira, bastava dar um exemplo—a «Taberna», de Zola. No primeiro quadro da peça ressalta esta curiosa anomalia: duma obra crusmente realista saiu uma peça com os mais velhos e relhos defeitos do romantismo. Minado, pois, o espirito do autor, que não foi o dramaturgo, não é de estranhar que todo todo aquele teatro seja uma série de disparates, de contrasensos inverosimeis, ridiculos e pretenciosos. A acção, pelo secionamento dos actos em quadros, sem fio de continuidade possivel—é, para quem não tenha lido o «Assomoir», um quebra cabeças mais doloroso do que as palavras cruzadas. Algumas personagens diluidas, traço tenue, no romance pezam sôbre este e aquele acto. Um deles, o da «Lua de Prata», é medonhamente schakespereano. Manes de Zola, valei-lhe!

Outros, como os esposos Lorillot, tão finamente observados pelo mestre do realismo, que os desenhou como representantes da burguesia operaria, sobria, avara, egoista, quasi desaparecem transformados em garfos de todos os jantares.

A Gervasia é um tipo humilde, a grande vitima social, o amôr que não se cala, a eterna fonte de martirio e de sacrificio. Tudo isto no romance. Na peça, porém, não tem palavras para se exprimir. O caracter não se define. O seu humanismo apaga-se. Coupeau está desarticulado. E' uma vida de emprestimo, uma vida falsa. A linha do destino, o sentimentalismo fraco, a ascendencia pezada de taras, o meio que lhe despedaça a vontade—linhas convergentes que dão o «delirio» «tremens» e a derrocada fisica e moral, estão cortadas. Lautier, no arranjo teatral, empalideceu num vulgarissimo conquistador.

Sendo o «Assomoir» uma obra de descrição longa e pormenorisada em que as figuras, pelas leis mesologicas se vão deformando pouco a pouco—o meio, que é a qualidade primacial do romance, não dá, não podia dar entrecho na peça. O que fica então? Alguns tipos recortados grotescamente e um ilogico ambiente, culinario e tabernal, sem vestidão nem pintura que, pela sua permanencia sem renovo, nem aragens, dá á peça o aspecto duma cronica fastidienta e cerrada.

Ha na apresentação da «Taberna» um caso a discutir á boa paz com Araujo Pereira—o naturalismo. O teatro é, foi e será sempre ilusão. A verdade é realismo grosseiro não é arte. Antoine, nas suas memorias já publicadas, fala com ironia daqueles seus pruridos de exatidão que o levavam a colocar no palco autenticas peças de carne saidas do açougue. Uma indicação basta. Modernismo sintetico. Sobriedade.

Alves da Cunha traçou a figura de «Coupeau», a mais teatralisavel, admiravelmente.

A scena do «delirio tremens» chegou a parecer-nos um caso verdadeiro, brutal, explosivo de violencia, numa aceleração grandiosa de efeitos. Adelina Abranches apenas com alguns gritos lancinantes. Carlos de Oliveira—muito duro. Melo—bem caracterisado. Berta de Bivar—episodica. Sacramento num tipo compreensivel, talvez o unico, de operario francês. Maria Isabel—ligeira.

Só pelo trabalho formidavel, inteiriço, genial de Alves da Cunha—a «Taberna» merece ser vista pelo publico. Um unica labareda ilumina por vezes a noite—a noite do Apolo.

Artur Portela

TEATRO SÃO LUIZ TELEF. C-224
AMANHÃ
Definitivamente
FLOR DO TOJO

A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 5474
HOJE, ás 8-45
OS NIBELUNGOS
Uma cine-farça de Pamplinas
Uma revista de actualidades

NO TEATRO MARIA VITORIA

A

revista

"Foot-ball,,

e o que nos diz

a brilhante actriz

Lina Demoel

Lina Demoel tem um nome gracioso e cantante. O seu rosto fixa sempre um sorriso iluminado de graça—que é o triunfo claro, brilhante, rapido e decisivo da sua arte. Artista de linhagem moderna, pessoal e voluntariosa, beleza emotiva iluminada pelo poder de criar e não de trabalhar, de viver e não de representar—Lina Demoel marca no nosso teatro um nobre e autentico valor. E' já hoje, indiscutivelmente, uma «vedetta» de grande estilo, que sabe sorrir, que sabe cantar, que sabe dançar, que sabe, sobretudo, imprimir aos papeis uma linha de tal significação, em con-

LINA DEMOEL

traste com a vulgaridade, que o publico nunca mais os esquece. Figura das plateias, a fulgurante «divette» interpreta com a mesma facilidade um numero-caricatura, onde ha a malicia dum «couplet» mais ironico e um numero cheio de distinção, onde a beleza tem a côr viva das rosas e as rosas o perfume delicado e emotivo da graça e do espirito.

Seis anos brilhantissimos de teatro e duas triunfais «tournées» ao Brazil, que foram qualquer coisa de muito lisongeiro para o nosso teatro, consagraram-na, definitivamente, como uma das primeiras figuras dos palcos de revista. A graciosa «estrela» do Maria Vitoria interpreta na revista «Foot-ball», que sobe á scena amanhã, os principais papeis femininos, a que, decerto o publico, dispensará o mesmo acolhimento que tem dispensado ás dezenas de admiraveis creações que ela tem realisado. A elegante actriz faz-nos algumas confidencias da «première»:

—«Foot-ball» é uma revista completa, com belos quadros de comedia e numeros que são verdadeiras «trouvailles». Gregos e troianos não se pouparam.

—Os seus numeros?

—São seis. «Madame Taxi» tem oportunidade e uma musica veloz, engraçada, saltitante. «Cabaret» é um numero de apresentação, com a estravagancia do meio. E' um contraste curioso. As «Rosas de Portugal» têm uma linda musica e uma linda letra, que o publico ha-de gostar de aprender. «Flôr do Luxo» é um motivo interessante, cheio de capricho e de verdade cruel, em que interpreto uma figura de incerto destino. «Flôr do Japão» é um quadro exotico, em que as mulheres são crisantemos dum encantado jardim. Tenho, por ultimo, um final—que é o cartaz explicativo do «Foot-Ball».

A CAMINHO DE ORAN...

As ultimas

palavras

de Teixeira Gomes

ao deixar esta tarde

terras portuguezas

Na doca dos submarinos, ás 13,30 da tarde. O frio descansou um pouco e o sol aquece como um golo de vinho velho. Vamos assistir a um acto historico—o embarque do sr. Manuel Teixeira Gomes, ainda ha uma semana Chefe do Estado.

Resignou e parte—partiu. A noticia andou um pouco oculta nas estancias oficiais e em Belem, apesar do sr. Teixeira Gomes ter sahido de lá para Gibalta (Caxias), onde ontem teve uma hora de visita, com o sr. dr. Bernardino Machado. Os dois homens publicos, divididos por uma campanha, que o ultimo assinou—reconciliaram-se, talvez fóra de todo o protocolo. Entendido: Belem, o palacio, é oficial; Gibalta, não. Ontem foi a vida intima, conversada sem politica e sem diplomacia, mas a ambas referida.

Na doca, ao largo do passeio, em frente dum quadrado de agua, onde um submarino «toma banho», na expressão castiça do ministro da Marinha e outro relampeja ao sol a sua coiraça cinzenta,—o ministerio demissionario.

A' cabeça, numa pelissa, friorento e doente—o sr. dr. Domingos Pereira, que está um pouco desiludido e tem para nós esta frase:

—A politica?! Mas, talvez a abandone.

—Nunca se abandona a mulher de quem se gosta, dissemos.

Domingos Pereira sorri. O ministro da Guerra puxa-o para o lado. E' uma conferencia de dialogo animado, que os presentes respeitam, distanciando-se.

O sr. dr. Veiga Simões, o sr. dr. João de Barros, mestre Columbano, que acabou o retrato de Teixeira Gomes, em sessenta sessões de pose; João de Deus Ramos; Torres Garcia e João Camoesas, ambos ministros; um diplomata — o da França — o unico chapeu alto do grupo; Barreto da Cruz e Viana de Carvalho do paço de Belem; general Vieira da Rocha; Pedro Bordallo Pinheiro, espirito de elegancia e de distinção; Artur Costa, senador antigo. E mais: vultos politicos, almirantes, jornalistas, fotografos, agremiações desportivas. Ao todo umas oitenta pessoas e uma multidão de sol, no rio e no céu, embandeirados de azul setim.

Os automoveis do sr. Teixeira Gomes e da comitiva passaram a linha ferrea, entre a musica ligeira dos cornetins. Eram da Marinha. Apearam-se os ajudantes. Depois, do segundo carro, o comandante Jaime Atias. Por ultimo, o Presidente que resignou.

Traz uma alegria que não é postiça. Um lacito breve, no colarinho gomado de fresco; a bengala de sempre, com volta e anilha de ouro; um chapeu mole e um sobretudo ligeiro, de homem acostumado ás neblinas de Londres.

Cumprimenta a um por um todos os presentes. As delegações desportivas despedem-se: desejam-lhe boa viagem. E nos agradecimentos vai tudo quanto ele fez pelo desporto, pela cultura fisica, pelos espectaculos ao ar livre.

Ao ministro da França, que diz ser sua intenção mandar um telegrama para Oran, terra francesa — significa: — «Mais non! Vou passear. Sosinho.

O diplomata insiste e o sr. Teixeira Gomes insiste tambem. Ha uma nota de ternura. A filhinha do sr. Viana de Carvalho, acompanhada da mãe, entrega ao sr. Teixeira Gomes algumas rosas lindas de Portugal, mais frescas com o sol, e algumas violetas, caprichosas de frio.

O antigo Chefe do Estado, que todos ainda tratam por «Senhor Presidente», sorri. Beija a pequerrucha. A mãe tem uma lagrima de reconhecimento. Depois são os politicos. O sr. Teixeira Gomes entregou as flores de Portugal a um funcionario da Presidencia, pondo algumas violetas na lapela. Para o sr. dr. Domingos Pereira:

—Então, já ha ministerio?

Que não, que ainda não estava organizado.

—E sua filha?

—Melhor. Um pouco melhor.

Ha um amigo velho de Teixeira Gomes, o sr. Bivar, o que o sauda á antiga, com emoção e respeito.

Chegou a vez dos jornalistas. Um de nós interroga:

—O que diz v. ex.ª ao abandonar Lisboa?

—Desejo para o meu país e para a Republica todas as prosperidades.

E, como estivessemos descobertos, com a cara ao sol:

—Vá, cubram-se. — Familiarmente: — Deixem-se de brincadeiras.

—Quando volta?

—Não sei. Preciso de descançar. Tive 15 anos de captiveiro. Aqui e em Londres, onde tive muito trabalho.

Fugindo a qualquer pergunta que estivessemos formulando:

—Ha anos, ha muitos anos, estive com minha filha em Telemel sen.

E descreve. Periodo breve. Pincelada fugitiva.

—Fica na fronteira do califado de Marrocos. Um monte. Minaretes. Arvores lindas. Um pouco do Algarve. Estive apenas três dias. Havia peste em Oran, que não tardaria a lá chegar.

—Uma lembrança que vai reviver...

—Viver! Guardo ainda o seu encanto de tranquilidade. Quietação espiritual. Quero ver se sinto agora as mesmas impressões.

O *Diario de Lisboa*, cortando:

—Regressa á sua carreira diplomatica?

—Mas não, que «estava cortada».

—E politica?

—Exercê-la-hei votando, quando estiver em Portugal. Escolhendo os representantes do país.

E mais nada. Sorrisos, apertos de mão novamente, a um por um. E' a despedida que começa. Ao cumprimentar Columbano, o mestre:

—Agora é tempo de acabar os «panneaux» do Parlamento.

Despede-se do «chauffeur» e do ajudante deste—mãos enluvadas: uma branca, outras cinzentas.

E segue doca fóra, entre os ajudantes. Os fotografos disparam as objectivas. Para um deles:

—Nesta pequena maquina está o futuro do mundo!

Sorrisos.

Para Artur Costa, irmão de Afonso Costa:

—Não tive tempo de escrever a seu irmão. Da minha parte: muitos cumprimentos.

Os republicanos de Sintra—despedem-se e desejam boa viagem. Teixeira Gomes desce a escada de madeira, que conduz ao gasolina da Marinha, rapidamente, saltando. A bordo tremula o distintivo presidencial. Todos tiram o chapeu, o que é correspondido. Os ajudantes, em ultima missão, seguem no gasolina, que desamarra rapido. Ouve-se um zumbido. E' um hidro-avião. Mais nada.

Ao longe o «Zeus», pequeno navio holandês de carga e passageiros, o primeiro que tocou no Tejo, em rota para o Oriente, após a renuncia do Chefe do Estado.

Amanhã, ás 8 horas, «Zeus» estará frente de Setubal, onde o sr. Teixeira Gomes deve desembarcar. O resto já não é terra portuguesa: Gibraltar, Tanger, Oran—quarta feira proxima.

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

Pelos teatros

Mario Santos

Perfaz hoje 31 representações a sensacional peça o «Principe João», obra prima do teatro de Charles Méré, que tanto sucesso tem causado. O teatro S. Carlos continua tendo enchentes successivas.

A representação da companhia Lucilia Simões-Erico

MARIO DOS SANTOS

Braga é admiravel. Entre os artistas destaca-se Mario Santos que, num papel sobrio, cruel e elegante, demonstra as suas brilhantissimas qualidades. Mario Santos que é um elemento de valor, marca nesta peça um belo trabalho de estudo, que muito apreciado tem sido pelo publico e pela critica.

Augusto de Melo

Do nosso ar actor Carlos Leal recebemos uma carta, que amanhã publicaremos, na qual se chama a nossa atenção para o estado do brilhante artista Augusto de Melo, bastante doente.

O «Diario de Lisboa» de ha já, incondicionalmente, está ao lado de qualquer homenagem que se venha a fazer ao illustre professor do teatro português, que se chama Augusto de Melo.

Atrás do reposteiro

Consta que vai ser brevemente dissolvida a companhia de opereta dirigida por Armando de Vasconcelos. Fala-se, no entanto, numa nova reorganisação, não sendo estranha a entrada de elementos duma outra companhia que actualmente está trabalhando num dos nossos teatros.

—O actor Silvestre Alegrim reaparece no teatro do Gimnasio na peça que se seguirá á comedia «Vida e doçura», actualmente ali em scena.

—O final da primeira parte do espectaculo que, na «Noite de Augusto Rosa», se realisa no teatro S. Luiz, é composto pelo ultimo acto da peça «D. Cesar de Bazan» e será interpretada por Adelina Abranches, Berta de Bivar e José Alves da Cunha.

—O actor Silva Sanches, actualmente fazendo parte da companhia Lucilia Simões-Erico Braga, parte em janeiro para a Africa Ocidental, acompanhado da bailarina Luiza de Lerma.

—José Vitor tem feito um grande sucesso, no «compère» da revista «Pirolito», que está sendo representada no Foz, em «matinées» e «soirées», pela companhia de que fazem parte Maria de Lourdes Cabral, Dora Vieira, Milly Portela, Maria Pestana e Jucite Pinto, Sales Ribeiro, Holbeche Bastos, Reginaldo Duarte e Mario Viana, e os quatro bailarinos hungaros Bazarcff.

—A festa de Mendonça de Carvalho, realiza-se na proxima segunda feira, no teatro Sá de Bandeira, do Porto, com a peça «O Senhor Roubado», entrando no desempenho os artistas Silvestre Alegrim e Joaquim Almada que vão, por esse facto, expressamente á capital do norte.

—Sobe amanhã á scena, no teatro Politeama, a peça «Seguro de vida», de José de Azevedo, tradução de Machado Correia. Os principais papeis são interpretados por Emilia de Oliveira e Alexandre de Azevedo.

—A revista «Fungágá» só no dia 20 terá a sua «première» no Eden Teatro, e a opereta «A Flôr de Tejo» só amanhã vai á scena no teatro S. Luís.

—A actrizinha Maria Helena realisa a sua festa artistica, no teatro Sá de Bandeira, do Porto, com a peça «A Garôta».

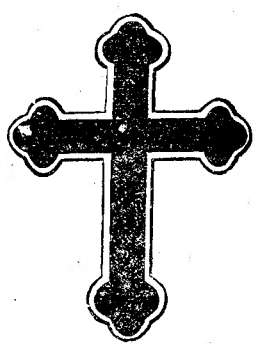
—Os dois maiores exitos de Paris, exceptuando a peça «Sainte Jeanne», de Bernard Shaw, em scena no Theatro des Arts, são as comedias «Les nouveaux messieurs», de Flers e Croisset, que ha nove meses se representa no Teatre d'Actnée e «Le monsieur de cinq heurs», que perfaz 600 representações, dentro de dias, no Theatre Palais Royal. Ambas elas foram adquiridas pela companhia Lucilia Simões-Erico Braga. A primeira deve subir á scena logo a seguir ao «Principe João» e a outra na epoca de Carnaval.

TEATRO DE S. CARLOS (M/N) TELFE. C. 3063
Companhia Lucilia Simões
HOJE, ás 21-15
O principe João
Recita da Moda

Theatro do Gymnasio
Telef. C. 2814 HOJE A's 21-15
VIDA E DOCURA
Domingo, 2.º CONCERTO FÃO

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE, ás 21-30
A Severa

TEATRO da TRINDADE
HOJE ás 21-15
A OPERETA
CLÓCLÓ



Manuel de Freitas Pentiado
FALECEU

Manuel Evaristo Pentiado e sua mulher Laurinda de Freitas Pentiado, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido e chorado filho, cujo funeral se realiza amanhã, 18 do corrente, pelas 15 horas, saindo da sua residencia Campo dos Martires da Patria, 110, para o Cemiterio 2.º (Prazeres).

Dão-se Esc.os 15.000$00
Em boas mobilias, pianos de bom autor, carpettes, tapetes, passadeiras ou quaisquer outros artigos necessarios ao adorno de uma casa

a quem comprar uma carta com 4 senhas e as passar a 4 pessoas das suas relações, sem empate demorado do capital dispendido.

Dão-se todas as explicações no meu estabelecimento e envia-se impressos elucidativos a quem os pedir pelo correio, desde que enviem a respectiva franquia.

Os 19 anos que este estabelecimento tem de existencia, atestam a minha probidade de comerciante e industrial

JOSÉ ANTUNES

Estabelecimento de vendas
135, Rua do Conde Redondo, 137

Deposito e oficinas
13, Rua Sociedade Farmaceutica, 13

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:
RIO JANEIRO 1908 ANVERS 1894 BELEM 1895
LONDRES 1908 LISBOA 1888 PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1918, ETC.
Xarope Peitoral James
Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.
DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

3:600.000$00
Preguntei a Santa Rita
Que numero era a sorte desta vez
E ela me respondeu
E' o 3331 ou o 3563

Estes dois bilhetes estão abertos em cautelas ao preço de 7$00 na feliz

TABACARIA CONDEIXA
Rua Arco Bandeira — 211
LISBOA
3331
3563

LUÍS XV

MOBILIA de quarto, três corpos, fabricada com a maior perfeição em nogueira espinhada, estilo rigoroso, 10 peças, vende **Serafim & Machado,** fabricantes de moveis, com estancia de madeiras, serração e carpintaria mecanica. Horta das Tripas, á Estefania, tel. 3585 N., em frente.

Polainas da Moda

Fazenda ingleza a 30$00, desconto para revenda; é o melhor brinde actual. **Sapataria Duque.** R. do Ouro, 294.

3:600 CONTOS

LOTARIA DO NATAL, extracção a 23 de dezembro. Bilhetes 1.030$00, o quadragesimo 26$00; 549, 2074, 9415, 11.575.

Estes numeros são abertos em cautelas a 3$00 e 6$00, para registo 1$00.

Pedidos ao feliz

Quiosque de S. Roque
DE
JOSÉ FRANCISCO RIBEIRO
Frente á T. da Queimada

BRILHANTES GRANDES

Sem defeitos, paga-se 2.700$00 o quilate, cautelas do monte-pio e joias penhoradas no mesmo, paga-se todo o seu valor. Adianta-se dinheiro para retira-las. Rua 24 de Julho, 60, 1.º, a Santos.

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO
Direcção do Sul e Sueste

SERVIÇO DE ARMAZENS GERAIS

Concurso para a adjudicação da compra de alvaiade de zinco em massa

Anuncio

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 9 do proximo mês de janeiro, pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua séde, rua de S. Mamede, n.º 63, ao Caldas, Lisboa se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da compra de 6 000 quilos de alvaiade de zinco em massa.

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso o deposito de 500$00.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio no prazo de oito dias contados da data em que a mesma lhe fôr notificada, com a quantia necessaria para prefazer 5 0|0 da importancia total da mesma adjudicação, constituindo, assim, um deposito definitivo que por intermedio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depositos, onde ficará á ordem da mesma Direcção.

Este reforço deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o deposito provisorio, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel sellado não utilisada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 7 de dezembro de 1925. — Pelo Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a) Julio José dos Santos.

TEATRO SÃO LUIZ
CONCERTOS BLANCH
DOMINGO, 20 — A's 3 horas da tarde
4.º concerto de assinatura da
Orquestra Sinfonica Portuguesa
dirigida pelo maestro **PEDRO BLANCH**
Programa sensacional — Obras de Tschaikowsky, Grieg, Cesar Franck, Liszt, Wagner e Florent-Schmitt, em 1.ª audição.
BILHETES A' VENDA

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
HOJE ás 21-15 HOJE
A TABERNA

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.
COMP. REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
AMANHÃ AMANHÃ
Seguro de Vida

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
HOJE, ás 21-15
O Pão de Ló

TEATRO MARIA VITORIA TELFE. N. 3644
SABADO, 19
A's 20-30 e 22-30, as 1.as representações da revista
FOOT-BALL

3.600 contos
EXTRACÇÃO A 23 DE DEZEMBRO
Bilhetes a 1.000$00
Quadragessimos a 26$00
Cautelas a 3$00 e 6$00
Habilita-se V. Ex.ª na feliz casa
GERMANA»
Rua do Mundo, 115 — LISBOA

Pianos e Orgãos
Maior Exposição do Paiz
Marcas: SCHMIDT, KRIEBEL, GOERS, KIRSCH, EHRBAR, LIEBIG, etc.
Representante: SAMUEL H. MUCZNIK
ARMAZEM MUSICAL
249, Rua da Madalena, 2.º
(Predio esquina Escad. Santa Justa)
TELEF. N. 4947

LEILÃO

Em 18 do corrente, ás 11 horas, na 5.ª Divisão dos Correios, rua de Santa Marta, 179, rez-do-chão, ha leilão de encomendas em refugo, papel inutil para serviço, amostras, etc.

5.ª Divisão da Direcção dos Serviços d'Exploração Postal, 15 de Dezembro de 1925.

O chefe da Divisão, int.
Augusto Véras

PARTEIRA
Judite Silva
Rua dos Fanqueiros, 96, 4.º
CONSULTAS sobre gravidez e faltas de menstruação. Das 2 ás 6 da tarde. Recebe clientes em casa. Telf. C. 1901

HUMAGSOLAN
Cura a calvicie e evita a queda do cabelo — Remedio de uso interno
Nas boas farmacias e drogarias
AGENTES: Wirges & Simões, Lda. P. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

ESTRANGEIRO

Sala de Armas Carlos Gonçalves
R. DAS CHAGAS, 22, 1.º
Secção de Educação Fisica
Gimnastica respiratoria, Massagem e Gimnastica Medica
CARLOS GONÇALVES—CARLOS DE SOUSA
Prof. diplomado Prof. especialisado

GENEBRA

FOI considerada como fronteira entre a Turquia e o Irak a chamada linha de Bruxelas

GENEBRA, 17

O conselho executivo da Sociedade das Nações deliberou, por unanimidade e em definitivo, considerar como fronteira entre a Turquia e o Irak a chamada linha provisoria de Bruxelas.

Esta deliberação obriga o governo britanico a concluir dentro de seis meses um novo tratado com o Irak, assegurando aquela fronteira pelos 25 anos do seu mandato, e garatindo a protecção das minorias kurdas.

O presidente do conselho da Sociedade lamentou a ausencia dos delegados turcos ao ser tomada deliberação definitiva sobre o problema de Mossul, tendo aqueles delegados dirigido uma carta ao mesmo presidente, reiterando o seu ponto de vista e declarando que a Turquia continuará defendendo os seus direitos de soberania sobre Mossul.

O Irak
vai tornar-se independente?

Chamberlain e Amery apresentaram os seus agradecimentos ao conselho, bem como aos membros da comissão de inquerito, declarando que o governo inglês sempre tem protegido os interesses do povo do Irak, estando ainda disposto a conversar directamente com o governo turco, conforme os desejos do conselho da Sociedade.

Chamberlain manifestou a esperança de que o Irak muito em breve se torne um Estado independente e membro da Sociedade das Nações, cessando assim, e automaticamente, o mandato que á Grã-Bretanha foi conferido. — (L.)

A Italia
e a divida de guerra

A Agencia Stefani publica a nota seguinte:

«Os boatos espalhados no estrangeiro, segundo os quais os acordos sobre a regularização da divida de guerra italiana conteria clausulas secretas, ácerca da concessão de previlegios especiais ás finanças americanas nas industrias italianas, são destituidos de qualquer fundamento e claramente tendenciosos. Não ha quaisquer acordos além dos que fôram apresentados ao Parlamento italiano, nem ha clausulas secrectas de qualquer especie. — (H.)

CINEMA CONDES
AMANHÃ
um dos maiores actores americanos
Jack Pickford
e uma das mais lindas actrizes
Madge Bellamy
com grandes artistas como
Charles Stevenson
Tom Guise
Frank Elliot
Lydia Knott, etc.
no grande «film» sportivo
A desforra de Garrison

A FRANÇA NO LEVANTE

A Siria não é uma região DE NACIONALIDADES è uma Babilonia de religiões

A Siria está preocupando neste momento, não só a França, como todo o mundo civilisado. Parece que a França se tinha esquecido um pouco da Siria. Absorvida por outros assuntos de maior actualidade, supunha que para lá de Beyruth tudo se passava pelo melhor no melhor dos mundos possiveis.

Não era verdade. Os negocios da Siria não corriam bem. De quando em quando, o enfermo acusava febre. Uma injecção de quinino e passava-se adiante. A cura da doença não se resolvia; adiava-se.

Paris não tinha noticias. E supunha: «Pas de nouvelles, bonnes nouvelles!» A explicação dos recentes acontecimentos surpreendeu os franceses em plena ignorancia. A crise da Siria é muito complexa. Antes de ser uma questão politica, já era um problema religioso. A Siria não é uma região de nacionalidades, é uma Babilonia de religiões. Para além do Djebel Druso não ha sirios, ha maronitas, ortodoxos, malaquitas, mussulmanos, israelitas, alauitas, ismailitas. Ao todo, vinte e nove religiões. O proprio Deus tem razão para estar um pouco confuso... E a população da Siria não vai além de dois milhões e oitocentos mil habitantes. E' caso para preguntar:

—Como se entenderão eles no Paraíso?

Não ha, portanto, laços patrioticos e o unico laço social que existe entre eles é a comunidade religiosa. A sua civilisação oferece tambem os tipos mais variados que se podem imaginar. Ha o selvagem, o homem que come o coração do seu inimigo grelhado, que corta a sua irmã em quatro partes rigorosamente iguais (uma parte para cada ponto cardeal—será esta a origem do «Mah-Joog»?), para que o marido da irmã abandone oficialmente o domicilio conjugal; ha o ladrão, o homem que nasceu ladrão, que rouba naturalmente, como quem bebe um copo de agua quando tem sêde; ha os servos, reduzidos á escravidão, que conhecem apenas três necessidades na vida: dormir, comer, obedecer; ha os comerciantes, que não sabem o que se passa em França, mas que seguem com interesse as oscilações do franco; e ha ainda a «élite», os emires, os pachás, os poderosos senhores feudais, que possuem grandes extensões de territorio, eternos candidatos á corôa, que se podiam contentar, como os deuses, em ter sêde, mas que tambem têm fome.

Toda esta população é movediça, contraditoria, fanatica. Aquele que tem a sorte de poder lavar as mãos todas as manhãs, que comprou um alfinete de gravata, que teve dez piastras para adquirir um «tarbuch», dirá com uma grande arrogancia: «Eu sou da «sociedade!»

E assim como não ha sirios, tambem não ha Siria. Oficialmente, ha um Estado da Siria, com selos do correio, repartições publicas e um presidente. Mas se alguem pregunta a este beduino que passa:

—Tu és sirio?

Ele responde:

—Não, sou do Libano.

—E tu nasceste em Damasco?

—Não, sou arabe.

E o unico homem que reconhece estar, realmente, na Siria é o alto comissario da França. Libaneses, arábes, drusos são os habitantes da Siria. Mas a Siria não passa duma expressão geografica para uso duma quadrilha de ladrões.

NATAL
Carteiras, malas, estojos de manicure, serviços de jantar, chá e café : Ultimas novidades para brindes
BASTOS SILVA L.da—R. de S. Nicolau, 81

PELLATARIA FRANCO-LUSA, L.DA
Avenida da Liberdade, 38, 1.º—Telefone N-4404
CASACOS DE PELES, ECHARPES, RENARDS, ETC.
Guarnições de pele a metro, e confeccionadas para vestidos e casacos prontas a colocar sem intervenção de profissionais
PELES AVULSO
Preços excepcionais

Automoveis Studebaker!
Overland!
Delage!
C. SANTOS L.DA
86, R. Nova do Almada--Lisboa

GARAGE MONUMENTAL
E' a maior garage de Portugal. Consultai os preços de recolha desta casa.
Avenida Alvares Cabral (Ao Rato)

Vacaria Aurea
Esc. 1.000$00 a quem no seu estabelecimento provar que o Leite não é puro.
Rua do Crucifixo, n.os 135 e 137

Dr. Thomé de Lacerda
DOENÇAS DO ESTOMAGO, INTESTINOS E FIGADO
CLINICA GERAL
R. 1.º de Dezembro, 101, 2.º—Tel.3090 N.

LONDRES

NAS cerimonias para a coroação do novo Shah da Persia foi utilisado o celebre throno

LONDRES, 17

As cerimonias da coroação do novo Rei, Riza Khan, decorreram com a maior pompa.

O novo Shah deu recepção de gala a todos os altos funcionarios do Estado, aos membros da aristocracia e corpo diplomatico, que fôram recebidos na Sala dos Diamantes.

Depois da recepção, Riza Khan subiu ao famoso trono dos Shahs da Persia, ao mesmo tempo que as trombetas, clarins e salvas de artilharia anunciavam ao povo a subida ao trono da nova dinastia.

O Rei de Inglaterra enviou um telegrama de saudações, e o embaixador sovietico apresentou as congratulações em nome do corpo diplomatico. — (L.)

Morreu
o «boxeur» Battling Siki

LONDRES, 17

Em consequencia dum telegrama recebido pelo «Boersencourier», corre o boato nesta cidade, de não ter morrido o pugilista senegalez Battling Siki.

Segundo aquele despacho, tratar-se-ía dum pouco vulgar estado de embriaguez, que levou Siki á catalepsía. — (L.)

Novo
«super-dreadnought»

LONDRES, 17

E' hoje lançado á agua um novo «super-dreadnought», deslocando 35.000 toneladas, e cujo custo se eleva a sete milhões de libras.

A nova unidade da marinha de guerra britanica será baptisado pela filha dos Reis de Inglaterra. — (L.)

LONDRES, 17

Informam de Beyrouth á Agencia Reuter, ter cehgado ali o Emir Tahor, neto de Abdelkader, que provinha de Demasco e que vinha a fim de procurar uma mediação. — (H.)

LONDRES, 17

A Camara dos Comuns aprovou, em terceira leitura, a primeira acção da proposta de lei sobre a nova pauta protectora dos produtos britanicos. — (L.)

CONVITE
Convidamos V. Ex.ª a visitar a exposição de artigos para Brindes do Natal, onde poderá escolher uma mala ou uma carteira, e ainda muitos outros objectos de absoluta novidade, que recebemos de Paris.
Bastos Silva L.da
Rua de S. Nicolau, 81
LISBOA

MODA E ARTE
encontram V. E.ª na lindissima colecção de Chapeus Modelos, para a presente estação de Inverno, em exposição no
SALÃO AUREO
246 - RUA DO OURO - 248
TELEF. 3818 N.

ULTIMAS NOTICIAS

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs
TAXIS CITROEN
PEDIDOS pelo
Telefone Norte 5528
Serviço permanente

A TARDE POLITICA

O governo formou-se esta tarde e deve tomar posse ámanhã

O sr. Antonio Maria da Silva não parou hoje um momento nas suas «démarches», procurando vencer o mais rapidamente posivel todas as dificuldades, e muitas têm sido elas, para levar a bom termo a missão de que o encarregou o sr. Presidente da Republica.

* * *

O caso mais grave em discussão na Camara, diz respeito á lei do inquilinato.

Varias «démarches» se fizeram junto dos partidos e conseguiu-se, de transigencia em transigencia, que a lei fosse prorrogada por mais um ano — até 31 de Dezembro de 1926. Foi isto o que ficou acordado e o que deve ficar hoje votado. Por sua vez, o Senado comprometeu-se a reunir extraordinariamente amanhã, para fazer ali identica votação.

Pódem, portanto, todos os inquilinos tranquilisar os seus espiritos.

* * *

Na reunião do Grupo Parlamentar Democratico tratou-se das alterações ao regimento, da lei do inquilinato e da extinção do ministerio do Trabalho. Não se resolveu nada de positivo, tendo o sr. dr. João Luís Ricardo feito um longo discurso sobre as desvantagens dessa extinção que será defendida na Camara pelo antigo ministro dessa pasta, sr. dr. Costa Cabral.

Segundo as nossas informações, o sr. dr. Costa Cabral tenciona declarar que tudo quanto se tem dito sobre o assunto são simples explorações politicas ou interesses feridos e que se algum ministro desejar a sério regularisar os serviços do extinto ministerio, ele se prontificará a fazê-lo em menos de 24 horas, sem prejuizo algum para os interesses do Estado, principalmente no que á Assistencia Publica respeita.

Apesar de tudo, consta-nos que o decreto da extinção será anulado pela Camara, o que levará o sr. dr. Costa Cabral a abandonar a actividade politica.

* * *

O sr. Antonio Maria da Silva voltou esta tarde a instar com o sr. Rodrigues Gaspar, que recusou terminantemente, ocupar a pasta das Colonias.

O sr. Marques Guedes, convidado pelo novo chefe do governo, a tomar conta do ministerio das Finanças e instado pelos srs. Santos Silva e Adriano Pimenta, acabou por aceder.

A's 5 e meia, o sr. Antonio Maria da Silva dirigiu-se a Belem com o seguinte elenco ministerial:

Presidencia e Interior, Antonio Maria da Silva.
Justiça, Catanho de Menezes.
Finanças, Marques Guedes.
Guerra, José Mascarenhas.
Marinha, Pereira da Silva.
Estrangeiros, Vasco Borges.
Agricultura, Torres Garcia.
Comercio, Gaspar de Lemos.
Instrução, Santos Silva.
Colonias, Vieira da Rocha.

O novo governo deve tomar posse ámanhã ás 3 horas da tarde e só se apresentará ao Parlamento depois das ferias do Natal.

Assistencia Publica

Do nosso amigo e ilustre provedor da Assistencia, sr. dr. Lino Gameiro, recebemos uma carta, que a falta de espaço nos não permite publicar hoje, mas a que faremos ámanhã o preciso comentario.

O melhor café é o da "Chic"

A TARDE PARLAMENTAR

Aprova-se o projecto prolongando as restrições á lei do inquilinato até 31 de Dezembro de 1926

A's 3 horas, com o sr. Daniel Rodrigues na presidencia, o sr. Baltazar Teixeira inicia a chamada.

Num grupo discute-se a questão do inquilinato. E Amancio de Alpoim declara:

—Isto tem que ficar hoje aqui votado, porque amanhã e o ultimo dia de Parlamento, antes de férias, e, dontra maneira, o Senado não terá tempo de votar.

* * *

A's 3,20 é aberta a sessão. Galerias concorridas. Estão presentes 57 deputados — um numero de palpite.

* * *

O sr. Rafael Ribeiro, nacionalista, — que se estreia — diz que é necessario comprimir as despezas. E manda para a mesa um projecto de lei, suprimindo o subsidio aos parlamentares que tenham vencimentos iguais ao dum director geral, ou rendimentos equivalentes.

—Até hoje gastaram só em subsidios, 5.741 contos. Isto não contando com as despezas feitas com viagens de parlamentares ás ilhas e ás colonias.

* * *

—Tem a palavra o sr. Amancio de Alpoim.

—Eu não a pedi, sr. presidente.

—Mas estava inscrito....

—Isso é para a discussão da lei do inquilinato. E, por emquanto, ainda não está a discutir-se.

* * *

O sr. Filomeno da Camara, nacionalista, lamenta que estejam vazias as cadeiras dos ministros:

—O governo já cá fez muita falta para a discussão do caso do Angola e Metropole; e tenho pena de que não esteja aqui presente para nos explicar o envio deste telegrama.

Lê o telegrama já publicado, em que varios politicos recomendam ao Alto Comissario em Moçambique a nomeação do sr. Custodio de Mendonça para governador do distrito de Inhambane.

O sr. Ramada Curto:

—E quem pagou esse telegrama?

O orador:

—Foi o Estado...

Classifica de ruinosa a administração das nossas colonias, afirmando que é o manifesto desprezo pelos interesses nacionais e pelos interesses dos nossos dominios, que origina e alimenta as campanhas e as ambições dos extranhos.

* * *

O sr. Mario de Aguiar, monarquico, defende o projecto permitindo o ensino religioso nas escolas particulares:

—Se o não fizerem, os pais que quizerem ensinar os seus filhos religiosamente, ver-se-hão obrigados, como até agora, a mandá-los para colegios espanhois.

* * *

O sr. Costa Dias, democratico, protesta contra a maneira como se está cobrando o imposto de transacção na ilha da Madeira e refere-se á crise que o arquipelago atravessa.

* * *

O sr. Estevam Aguas envia para a mesa um projecto de lei no sentido da Guarda Fiscal ficar inteiramente ao abrigo do Regulamento Disciplinar do Exercito.

O sr. Alfredo Guisado requere a prioridade, na ordem do dia, para a discussão do projecto de lei do sr. Amancio de Alpoim sobre inquilinato. Aprovado.

* * *

O sr. Carvalho da Silva requere votação nominal para o projecto sobre ensino religioso que o sr. Manuel José da Silva reputa inconstitucional.

Os srs. Ramada Curto e Amancio de Alpoim, a duo:

—Inquilinato! Inquilinato! Inquilinato é que se quere...

* * *

O caso da lei do inquilinato.

O sr. Pedro Pita, nacionalista:

—Tem-se feito um tal abuzo, que já não se sabe ao certo quais são os artigos da Constituição e das leis que têm de ser observados. E' o que se está dando agora com a lei do inquilinato...

Diz que toda a gente está convencida e ele tambem, de que as restricções estabelecidas á lei vigorarão até 31 de Dezembro de 1926. E manda para a mesa uma proposta de substituição, indicando no 1.º artigo da proposta Alpoim, essa data.

* * *

O sr. Carvalho da Silva diz que o problema não deve ser resolvido, lançando umas classes contra as outras, mas pelo justo equilibrio de todas.

Afirma que um regime de inteira liberdade seria um flagelo para senhorios e inquilinos.

—O que nós queremos é a prorrogação pelo praso que achamos indispensavel para que não se entre num regime nefasto de liberdade.

Outra frase:

—Em materia de inquilinato, a Republica não tem atendido, nem ás circunstancias dos senhorios nem ás circunstancias dos inquilinos.

Diz que o melhor sistema a seguir é o das sucessivas prorrogações por curtos prazos.

Trava-se discussão entre o orador e o sr. Amancio de Alpoim. E o deputado monarquico, a certa altura, exclama:

—V. Ex.ª que ainda ontem se referiu tão comovidamente á «legião dos esfarrapadinhos», não quererá certamente que se sujeitem esses «esfarrapadinhos» ás mesmas condições que os milionarios... V. Ex.ª não quererá certamente que seja dada a mesma protecção a um pobre servente — por exemplo da Caixa Geral de Depositos — que a uma pessoa de altos vencimentos — como, por exemplo, um director ou um administrador da mesma Caixa Geral.

* * *

O sr. João Luís Ricardo apresenta um projecto de substituição do do sr. Amancio de Alpoim, que com ela concorda, bem como os representantes dos varios lados da Camara.

Não foi necessario prorrogar a sessão, sendo aprovado o referido projecto, que prorroga as restrições até 31 de Dezembro de 1926.

* * *

Em seguida, é discutido o imposto «advalorem».

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
R. DOS FANQUEIROS, 114

JOALHARIA LORY
Fabricando ha longos anos directamente para o publico está nas melhores condições de perfeição e preço para artigos de joalharia.
Rossio, 40. = Tel. N. 3483

Provem os deliciosos Bifes da 'Chic'

AS NOTAS FALSAS

O segredo da policia sobre o caso do Banco Angola e Metropole

(Continuação da 1.ª pagina)

mem publico do meu pais capaz de colaborar nessa obra que seria verdadeiramente criminosa.

—Como é que o Banco de Portugal não acusou o aumento de circulação que a tarefa do Angola e Metropole representava?

—Isso era completamente impossivel. Não ha elementos nenhuns que possam levar a uma conclusão em tal capitulo. Impossivel a constatação a que se refere.

—E como é que o aumento referido não afectou o cambio?

—Porque o cambio está hoje inteiramente na mão do Estado, que o domina. Deve-se isso á acção de varias personalidades e de diversos organismos, entre eles o Conselho do Tesouro, a Inspecção de Comercio Bancario e a Caixa Geral de Depositos. Hoje, o cambio não está á mercê dos especuladores. E é convicção minha de que nada renovará aquela fase de saltos bruscos que fez a desgraça de tantas pessoas, fazendo, ao mesmo tempo, a felicidade de algumas outras.

A emissão total de notas monta a duzentos e noventa e cinco mil contos (295:000 000$00). Bandeira e Alves dos Reis afirmaram que só foram postos a circular cem mil contos (100:000 000$00). Será verdade? O custo da emissão foi de 4:353 libras.

Só o original da credencial se encontra em poder da casa Waterlow. Na hipotese de Marang não aparecer, o original dos contractos que conserva em seu poder não poderá ser submetido ao exame pericial. Todavia, demonstrada falsidade da credencial, facil será, com o concurso das investigações policiais, chegar a conclusões exactas sobre a falsificação dos documentos e modo como foi feita.

A casa Waterlow não retira a sua confiança ao seu empregado de confiança Romer.

Hoje, durante o dia, afrouxaram as diligencias policiais fora do governo civil, tendo prosseguido no gabinete do chefe do distrito o exame dos documentos e as averiguações para que foram chamados a Lisboa os representantes da Waterlow & Sons.

Assistiram, como ontem, além dos britanicos, os adjuntos da Policia de Investigação Criminal, os interpretes, delegados do Banco de Portugal, e, por momentos, os srs. dr. Trindade Coelho e Pereira da Rosa, respectivamente, director e director-delegado do nosso colega «O Seculo». Neste momento, o mais preocupado papel da policia consiste no exame exaustivo dos documentos que têm sido apreendidos e nos quais se têm colhido explendidos elementos de prova, nem sempre condenatoria para Alves Reis e a sua gente, no entender dos investigadores. Entre a interminavel papelada figura, se as nossas informações não falham, um grande «dossier» relativo á empresa mineira da Africa do Sul, pertencente, entre outros, a Alves Reis e Marang.

Está lendo e analisando o processo o sr. dr. Pinto de Magalhães que, á medida que vai lendo e conhecendo, vai expedindo telegramas com ordens que reputa urgentes e necessarias.

Para quem, fóra da policia — que a policia parece interessada em manter este escandaloso caso num segredo de desnortear — as minas da aludida empreza não são falsificadas. Têm minerio tão abundante e tão rico, que só elas teriam bastado a Marang para se garantir contra todos os arrojos financeiros a que o Angola e Metropole o arrastasse.